**Em Busca de um Corpo Perdido: a emergência de novas formas de identificação do *Eu* no corpo deficiente**

 *Alexandre Maurício Fonseca de Azevedo*

UFPA – allexazevedo@ufpa.br



 *Maria Lizete Sampaio Sobral*

UFPA – sobral.liza@gmail.com

*Giselle Guilhon Antunes Camargo*

UFPA – giguilhon@yahoo.com.br

(orientadora)

**Resumo**: Trazemos neste texto reflexões sobre a ideia de corpo perdido, com referência no trabalho literário autobiográfico do brasileiro Marcelo Rubens Paiva. O escritor, após sofrer um acidente na década de 1980 que o deixa tetraplégico, ao mergulhar em um lago durante um passeio que faz com amigos em uma localidade no estado de São Paulo, decide escrever em forma de romance, suas memórias. Ele relata sua experiência de vida ainda como um jovem de 20 anos, cujo corpo sofre o abalo que o obriga a um novo tipo de vivência, a partir do processo de aceitação de sua condição corporal como pessoa que perde os movimentos das pernas e braços, resultado do evento trágico. O processo vivido por Marcelo, que dá o próprio nome ao protagonista de seu romance, é o tema central deste debate que busca fundamentação nos trabalhos e no diálogo entre autores tais como Maria Lúcia Homem, Lacan e Freud, no que se refere, principalmente, à elaboração de conceitos particulares sobre as noções de corpo real, corpo simbólico e corpo imaginário.

**Palavras-chave**: Corpo deficiente. Corpo real. Simbólico. Imaginário.

**In search of a Lost Body: the emergence of new ways of identifying oneself in the disabled body**

**Abstract:** In this text, we bring reflections on the idea of a lost body, with reference to the autobiographical literary of the brazilian author Marcelo Rubens Paiva.The writer, after suffering an accident in the 1980s that left him quadriplegic, when he dived into a lake during a walk he took with his friends in a locality in the state of São Paulo, decided to write his memories in form of a novel. He reports his life experience as a 20-year-old young man, whose body suffers the shock that obliges him to a new type of experience, from the process of accepting his bodily condition as a person who loses the movement of his legs and arms, result of the tragic event. The process experienced by Marcelo, who gives his name to the protago nist of his novel, is the central theme of this debate that seeks to base itself on the work and dialogue between authors such as Maria Lúcia Homem, Lacan e Freud, with regard, mainly, to the elaboration of particualr concepts about real, symbolic and imaginary body.

**Keywords**: Disabled body. Real body. Simbolic. Imaginary.

1. **Corpo perdido: ou a quem pertence o corpo**

Em um vídeo veiculado em plataforma digital (*youtube*), vemos a psicanalista brasileira Maria Lúcia Homem a debater questões teóricas sobre as relações do corpo, da criança e do adulto, no âmbito da cultura[[1]](#footnote-1). Em determinado momento, a psicanalista propõe uma relevante questão: “a quem pertence o nosso corpo?” Indagação que é o eixo norteador destas linhas em que procuramos abordar a noção de “corpo perdido e a emergência de novas formas de identificação do Eu no corpo com deficiência”.

Maria Homem, nesta perspectiva, supõe que o corpo somente em parte nos pertence, pois sua outra metade, quando somos ainda muito pequenos, pertence aos nossos pais que cuidam de nossa integridade corporal. No entanto, estes pais são também conscientes de que tal condição é transitória, ao reconhecerem a importância do desenvolvimento da autonomia na criança e, consequentemente, da autonomia do seu corpo.

Neste ensaio, buscamos ilustrar, sobretudo, a ideia da busca de um corpo perdido, com referência na autobiografia do escritor brasileiro Marcelo Rubens Paiva, que em seu livro intitulado *Feliz Ano Velho*, narra o drama do acidente sofrido por ele na década de 1980, ao mergulhar em um lago e fraturar uma vértebra de sua coluna – sendo o ponto a destacar em sua narrativa, a escrita sobre o trauma que o vitimou e que o deixa tetraplégico. Como decorrência do acontecimento inusitado e trágico, subitamente ele se coloca diante de um intenso trabalho psíquico, a fim de se acomodar à estrutura de um novo corpo, o qual lhe apresenta restrições de toda ordem nas tarefas mais essenciais de seu cotidiano.

Diante de um novo mundo simbólico, já que se inscreve em novas formas de relações sociais e de sua própria condição pessoal, Rubens Paiva passa a vivenciar as questões do corpo real na perspectiva da deficiência, visto que o trauma incide nele esta marca que passa a estigmatizá-lo. Assim, se o real mudou, entendemos que o imaginário também. É com essa concepção que vemos o escritor buscar ressignificar aquele momento da vida, e para isso, se lança à escrita de sua própria experiência. Sua história é levada para o cinema, e o filme, que tem o mesmo título do livro, alcançou grande visibilidade à época em que foi lançado. *Feliz Ano Velho* foi o primeiro livro escrito por Marcelo Rubens Paiva, mas não o último, e ao longo dos anos, ele tornou-se um autor de projeção, não só no Brasil, mas também, em outros países. Em particular, tomamos como ilustração neste texto a escrita sobre o corpo na ótica de sua autobiografia, dando ênfase às ressignificações do corpo imaginário. Para tal convém descrever alguns fragmentos do livro, sobretudo que trazem registros sobre sua relação com o corpo: o imaginário, o real e o simbólico.

Desta análise, trazemos a ideia essencial a este debate: o pertencimento de um corpo, que é abalado por determinado acontecimento. Orientamos nossa discussão neste item e, mais precisamente, sob a seguinte questão: “a quem pertence o corpo que sofre de um inusitado trauma ou de um acidente que paralisa suas funções e coloca em questão o reconhecimento da identidade de um determinado do sujeito?”

Após um grave acidente sofrido, normalmente, o indivíduo passa por tratamento, principalmente do corpo físico, que visa ao restabelecimento parcial ou total de suas funções corporais. No entanto, em alguns casos, dependendo do estado e da gravidade em que o corpo físico se encontra, não existe a garantia imediata de um prognóstico favorável quanto à recuperação dessas funções orgânicas, situação que consideramos como um momento de transição, pois existe um sujeito em condição de espera que vive a experiência da expectativa sobre o seu futuro e do seu próprio corpo. Neste caso e neste momento, a Medicina se constitui, com sua equipe de profissionais, como a responsável pelas possibilidades de prognóstico e de previsões - e passa a se ocupar então da integridade corporal do sujeito, assumindo a condição do Outro (ou grande outro)[[2]](#footnote-2), que outrora fora abraçada pelos pais.

O Outro é um importante conceito da teoria psicanalítica elaborado por Jacques Lacan (1998) e que possui relação com a incidência da linguagem e dos códigos estabelecidos entre sujeito e significante, em uma dimensão mais ampla. Segundo esta teoria, o Outro (grande outro) é enunciado como o lugar do significante, o lugar de um discurso prevalente que atribui ao sujeito, uma posição específica na cultura e nas relações sociais. E se reconhecemos que essas relações existem em termos de dominação, ou de poder para sermos mais específicos, é na linguagem que os papéis sociais são definidos, justamente porque as relações dependem da linguagem – o que quer dizer que as relações estão submetidas aos sentidos que são atribuídos às “coisas do mundo”. Assim, se nenhuma relação seria possível na falta de um significante (justamente, o Outro),

O que constitui, para o sujeito, a ordem outra à qual ele se refere, o que inclui principalmente o significante da lei que nos comanda, é a própria linguagem. Desse modo, o Outro se confunde, no limite, com a ordem da linguagem (CHEMAMA & VANDERMERSCH, 2007: 282).

Já apontamos o papel da Medicina no sentido de definir e validar conhecimentos e prognósticos sobre o corpo humano, e no caso em estudo, sobre um corpo lesionado, que se “torna deficiente” após sofrer o abalo de um acidente físico. A esse respeito, apesar dos cuidados direcionados ao corpo real em situação de trauma, paralelamente o sujeito passa a viver sob as viscissitudes de um corpo imaginário (submetido e em busca de um corpo real que ele acredita perdido) e escapa do reconhecimento de sua identidade primordial – o que impõe a esse sujeito um intenso trabalho psíquico em busca de novas formas de identificação do Eu. Por isso, torna-se necessário ao paciente que passa por esse tipo de situação falar de si e, de certo modo, “viver o luto” de um corpo que não existe mais, tal como ele foi um dia. Daí o trabalho tão importante relacionado, em uma dimensão subjetiva, à reelaboração de significados por parte desse indivíduo, assim como o tratamento médico com seu corpo que foi “perdido” e com aquele corpo que se “torna deficiente”. Um novo sujeito paralelo se faz presente e a escrita do corpo ganha novas dimensões. O corpo agora passa a ser lido e interpretado em outra situação de existência - agora, como corpo deficiente.

A condição psíquica permite articular: de um lado, a compreensão dos registros do corpo, que para a teoria psicanalítica recai sobre as dimensões imaginária, simbólica e real; de outro lado, as representações sociais do corpo deficiente. No caso da teoria psicanalítica, as experiências de ressignificação imaginária do corpo constituem-se como aspectos marcantes da escrita do célebre psicanalista austríaco Sigmund Freud, principalmente em suas elaborações sobre o sentimento de “estranheza” e “despersonalização”. Vale ressaltar, também, o relato da experiência vivida por Freud em seu trabalho intitulado ‘*O estranho*’ (1919). Quando em uma viagem de trem, na cabine onde se acomodava, a porta espelhada se abre e, subitamente, Freud se interroga com surpresa e inquietação sobre sua aparência física, pois não reconhecia a si mesmo na figura do homem que aparece refletida; sua imagem pareceu-lhe completamente estranha a ponto de antipatizar-se com seu duplo, “um senhor de idade, de roupão e boné” que, naquela ocasião, colocava em dúvida sua percepção de si.

Segundo o ‘*Dicionário de Psicanálise’* (CHEMAMA & VANDERMERSCH, 2007), o termo despersonalização é definido como:

Experiência que afeta o sujeito no mais íntimo de si mesmo e que se exprime por uma alteração da percepção de si que parece subitamente modificada, estranha. A despersonalização, transtorno da consciência de si, é, na maioria das vezes concomitante com a desrealização, que incide sobre a realidade ambiente. (p. 98)

A experiência perceptiva de Freud permite-nos compreender a natureza dos mecanismos psíquicos subjacentes ao reconhecimento de si, como uma imagem que insiste em se fazer representar; o que demonstra que temos um “grande outro” sempre presente em nós mesmos. Queremos com isso salientar a função da imagem corporal que construímos permanentemente sobre nós mesmos e que nos fornece um lugar no mundo, em sentido mais amplo. É importante ressaltar que este corpo imagem está em constante transformação e é continuamente questionado, seja de modo inconsciente, ou consciente.

“Em busca de um corpo perdido” é uma expressão que evidencia a proposição de refletirmos sobre as representações do corpo, a partir da ótica psicanalítica e, também, da Antropologia. Nesta perspectiva, a ênfase é dada sobre o corpo com deficiência e buscamos compreendê-lo, também, como representação social, em situação específica na qual se encontra inscrito. Isto significa que os códigos de reconhecimento desse corpo se traduzem por aquilo que Lacan, psicanalista francês, já havia nos alertado como “a letra”.

E se o corpo se constitui como letra, como nos diz Lacan, é porque se inscreve como teia significante na realidade vivida e ganha expressão na estrutura do inconsciente humano. O corpo se revela, ainda, como desejo, na medida em que nos conecta à realidade psíquica que se encontra em contato com o mundo. Por isso, ainda segundo o famoso psicanalista, o corpo “é um livro de carne”. Por isso, como se participasse de uma dança, o corpo adquire um ritmo próprio e se inscreve nas relações com o outro; é também uma escrita, uma vez que inscreve significantes na realidade psíquica e como expressão da linguagem.

Outras noções sobre o corpo como fenômeno social e expressão da cultura encontramos na Antropologia. Por exemplo, no ensaio clássico e famoso de MARCEL MAUSS (2003), ‘*As técnicas do corpo’*, publicado originalmente em 1934, o antropólogo francês fala do corpo como instrumento e meio técnico do homem. Para o autor, as técnicas do corpo são transmitidas culturalmente, do mesmo modo como se transmite qualquer conhecimento e tradição. Por isso, entendemos que questões ligadas ao corpo se diferem entre culturas, e que o corpo mesmo se constitui nesse sentido, como a expressão própria da linguagem de cada contexto cultural.

Do mesmo modo, pode o corpo se adaptar a novos contextos e a novas condições de vida: sociais, físicas etc. Talvez aqui, possamos entender que por um determinado tempo, algo de representação da cultura, mais ou menos, escapa de nós mesmos e acabamos por vivenciar uma perda, mesmo que seja uma perda momentânea, induzida por algum tipo de experiência do não reconhecimento identitário. E quando isso acontece temos que nos voltar a nossa dimensão interior e despender algum esforço no sentido de retomar a percepção de um corpo ideal ou familiar, por exemplo, de uma imagem que corresponda aos valores apreendidos, por nós, no ambiente sociocultural.

**2. Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário**

Freud já nos havia alertado em seu trabalho ‘*Psicopatologia da vida cotidiana*’ (2018), sobre as diferentes formações do inconsciente que operam sobre nosso psiquismo; e em ‘*O Estranho*’ (2006), ele fala acerca de algo que se apresenta para nós como estranho e ao mesmo tempo familiar. Com relação ao corpo deficiente, existe um arcabouço de técnicas que vão referenciar sua inscrição na cultura, como corpo simbólico.

No caso do corpo que se torna deficiente após um abalo ou acidente, além do processo de aprendizado das técnicas corporais, o sujeito tem ainda que aprender a lidar com a perda do corpo real, a fim de construir novos sentidos e de formar uma nova condição de adaptação a sua realidade. Ilustramos este momento com as palavras do romance de RUBENS PAIVA (2015), no trecho que segue:

Não tinha o mínimo sentido. As lágrimas rolaram, chorei sozinho, ninguém poderia imaginar o que eu estava passando. Nada fazia sentido. Todos sofriam comigo, me davam força, me ajudavam, mas era eu que estava ali deitado, e era eu que estava desejando minha própria morte. Mas nem disso eu era capaz, não havia meio de largar aquela situação. Tinha que sofrer, tinha que estar só, tão só que até meu corpo me abandonara. Comigo só estavam um par de olhos, nariz, ouvido e boca. (p. 55)

Como nos diz Simone KORFF-SAUSSE, no seu livro *Le miroir brisé* (2010), o drama de um trauma inusitado impõe ao indivíduo atingido a necessidade de uma “inversão de perspectiva” (KORFF-SAUSSE: 16). Existe ainda uma condição incessante de algo que não para de se inscrever em relação ao corpo. A esse respeito, reconhecemos que na contemporaneidade, os corpos se constituem, também, como objeto de representação dos discursos cada vez mais plurais que se conectam às transformações que ocorrem no seio da vida social, a exemplo dos movimentos sociais que reivindicam a valorização de suas distinções, concomitantemente à luta pelo reconhecimento de representações humanistas no sentido amplo do termo.

Nessa perspectiva, o corpo deficiente destaca-se como projeção de um corpo imaginário resultado da prevalência do discurso que valoriza a diversidade e o respeito às diferenças, com ênfase nos aspectos ligados ao viver com dignidade e à garantia do espaço de reconhecimento no mundo social. Esta condição de dignidade em relação ao corpo deficiente é buscada porque no meio social há todo um conjunto de recomendações e informações ligadas à deficiência e que têm a ver com as políticas sociais que são instituídas e garantidas, normalmente, pelo poder e gestão públicos.

Assim como o corpo simbólico está para os códigos da cultura, o corpo imaginário está ligado ao que é particular ao indivíduo: a sua estrutura, ao modo de se relacionar com as pessoas, ao modo de viver a sua sexualidade, ao modo de se projetar no mundo. Mas claro que o modo de se projetar no mundo não tem a ver só com questões individuais, porque o homem está sempre nesta interligação com a vida coletiva e, o corpo com deficiência que passa a se inserir na vida coletiva após uma súbita perda de certas funções orgânicas, busca se moldar às viscissitudes do cotidiano.

O que discutimos aqui não é a adaptação à técnica das funções corporais, à qual MAUSS (2003) se refere, quando trata sobre o modo particular de fazer as coisas em uma determinada cultura. Neste contexto, convocamos a Psicanálise para fundamentar nossas reflexões em direção aos processos de subjetivação do corpo e, efetivamente, nosso debate está direcionado a compreender o fenômeno que aqui referimos: perda súbita das funções orgânicas, perda ou paralisação de um membro, perda ou ausência de determinada percepção física que interfira nas capacidades corporais -, sob a ótica específica do que denominamos ‘corpo paralelo’.

O corpo paralelo ao qual nos referimos é uma releitura do termo “criança paralela”, de Luc VAN DEN DRIESSCHE (2002). Em sua elaboração, o autor indica um processo evolutivo entre a situação real do anúncio da deficiência de um filho esperado e as novas exigências psíquicas que se fazem presentes visando assegurar a continuidade de seus investimentos (p. 67). Para que tais investimentos se ajustem à realidade de pais que se ocupam de crianças especiais, é fundamental que haja o “luto da criança imaginária”.

Desse modo é que chegamos à ideia de corpo paralelo, que não diz respeito ao corpo físico, ou corpo real do qual já falamos. Esta ideia, na verdade, diz respeito, de um lado ao luto de uma imagem que havia de si mesmo; por outro lado, diz respeito à proposta de reconstrução imaginária que permita ao indivíduo com um corpo deficiente se projetar em uma situação futura favorável ou não e condizente com sua nova condição de vida, física e psíquica. Mais uma vez, nas palavras de Rubens Paiva, em seu romance que é nossa referência aqui, temos esta compreensão, com o seguinte trecho que o escritor nos apresenta em seu livro.

Mais uma vez me dava aquele arrepio na barriga ao ver os neguinhos da cadeira de rodas. Pedi para a Big apagar a televisão, tentei dormir. Não conseguia, aquelas imagens das cadeiras de rodas ficavam grudadas na minha cabeça. Não sei se terei cabeça para viver daquele jeito. E meu violãozinho, ia ficar meio ridículo subir num palco de cadeira de rodas, as pessoas iriam olhar muito mais pras minhas pernas do que pra minha música. E meu ladinho ecológico. Porra, como é que eu vou examinar um pasto? E se um touro sair correndo atrás de mim e a cadeira atolar naquele bosteiro total. Que puta bostação. Lembrei-me do Stevie Wonder, que; mesmo cego, toca todos os instrumentos. Poderia comprar um piano, ficar o dia todo tocando. E mulheres? Ê, mas teve aquele filme…quem sabe não vai pintar uma gatona que adora transar com neguinhos de cadeiras de rodas? O silêncio tomava conta do quarto, só o barulho do sinal mudando do verde pro vermelho […] (p. 233).

É neste sentido que chegamos à relação entre a busca de um corpo perdido e a emergência de novas formas de identificação do Eu no corpo deficiente. De fato, todos nós estamos sujeitos a esta adaptação e a viver uma espécie de luto de algo que se transforma sempre em nossas vidas. Ocorre que, normalmente, tal fenômeno acontece de forma gradativa e de acordo com os significantes emprestados pela cultura que vão se ajustando a cada etapa vivida. Quanto àqueles que sofrem traumas que os deixam com o corpo incapacitado, ou resultam em um corpo deficiente, as mudanças são abruptas e a adaptação muito mais difícil.

Normalmente, a lesão que incide sobre o corpo real produz um trauma, às vezes com repercussões incalculáveis. Erving Goffman (2012), no livro clássico *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada* nos oferece um conjunto de exemplos que ilustram “fenômenos” sobre os quais se manifesta o não reconhecimento da identidade pessoal. A busca de uma nova identidade, sugere o autor, perpassa por um processo de alienação do indivíduo em relação ao “seu novo grupo”, porque, provavelmente, não se identificaria de maneira completa com as atitudes dos membros da nova categoria a que pertence (GOFFMAN, 2012: 98-99).

Quando se fala do corpo, logo vem a noção do tempo e da idade que avançam, e com isso os indivíduos necessitam adaptar-se às condições forjadas na/pela cultura. Entre os adolescentes, por exemplo, notamos que as escolhas identificadoras são correspondentes aos paradigmas que inspiram sua geração, e o mesmo se dá com a chegada da vida adulta ou da velhice. Este é um processo contínuo que somente cessa com a morte, mas quando participam na dinâmica da vida, os indivíduos buscam outras formas de elaboração simbólica, conforme vão se adaptando a novas situações e se lançam em busca de um lugar de reconhecimento do eu, não somente nos dramas individuais que envolvem suas vidas, como também na elaboração de significantes que se compartilham no âmbito da vida social.

Para o deficiente, ainda que ele seja acometido por uma disfunção, ao longo do tempo, a vida vai lhe oferecendo novas experiências, o que permite que lhe se identificar em diferentes perspectivas com seu meio social, que não sejam apenas como portador de determinada restrição ou disfunção orgânica. Tais situações, que se enquadram em contextos considerados situações limite, impõem à pessoa lesada um intenso trabalho de reconstrução imaginária, a fim de garantir um lugar de investimento pessoal nos laços sociais, e de modo que o corpo possa se recolocar em um diferente cenário, escrevendo uma nova história que se interpõe entre o real e o ideal.

As considerações sobre as transformações das representações sociais do corpo ilustradas aqui permitem-nos dialogar sobre o lugar do corpo também na perspectiva do que nos interessa, em particular como referência cultural – e que revela diferentes formas discursivas e nos ajuda a alargar o olhar sobre modos de expressão dos sujeitos na contemporaneidade. As sociedades contemporâneas se apresentam também como exemplos incontestáveis ligados a transformações do corpo, seja na sua forma, seja no conteúdo; o mundo vem se transformando junto com os corpos e, estes, transformando, também, modos de se relacionar na (e pela) cultura.

Para ilustrar as transformações do corpo no âmbito da cultura, propomos uma breve digressão do que ocorre com o passar da vida, no percurso do tempo. Como normalmente se vê, os corpos mudam, e com o avanço da idade, já não são mais os mesmos; seja o corpo real que ganha novos contornos em confronto com as representações de padrões de beleza, seja o corpo simbólico em razão de novos valores culturais que se impõem, ou ainda o corpo imaginário, pois os desejos também se transformam. Podemos dizer, ainda, que nosso corpo é também um livro, um livro imaginário no qual escrevemos a cada dia e sobre o qual projetamos desejos, medos, anseios – em relação à sua forma, aos seus valores e significados.

Também dizemos que um corpo é um livro quando vemos nele marcas das narrativas que construímos sobre nós mesmos. Não obstante essas transformações que incidem sobre o corpo, seja pelas marcas do tempo, pelos traumas vividos, é importante destacar que sempre que nos lançarmos na busca de algo perdido, um corpo jamais será o mesmo, de modo que é importante buscar redefinir as experiências na condição de um corpo paralelo, como já lembramos.

Com base no testemunho autobiográfico de Rubens Paiva, quando ele reflete sobre sua existência a partir desse corpo, passamos a compreender, como exemplo, o percurso de retomada de sua vida na perspectiva de um processo de reconstrução subjetiva. Em seu caso, podemos considerar que a criação artística, com sua poética literária, teve papel preponderante, como nova forma de identificação e ressignificação do mundo.

Tania Rivera, psicanalista e professora da Universidade de Brasília, em seu texto intitulado ‘Uma psicanálise para salvar o mundo, desencontros entre surrealismo e psicanálise’ (2002),comenta sobre o tema. Na percepção da autora,

Essas ideias mostram que a teoria freudiana partilha com as vanguardas de seu tempo um tom libertário e idealizado quanto à arte e aos artistas, apesar do próprio Freud denunciar a arte como uma das ilusões caras à civilização. Aliás, a ilusão é vista por ele não como um demérito, mas como fundamental à arte, na medida em que ela é, como consta em *O Mal-Estar na Civilização*, psiquicamente eficiente[[3]](#footnote-3).

O artista, segundo a própria formulação freudiana, é um fazedor de utopia na medida em que ele se rebela contra a realidade que barra a satisfação pulsional e aponta para outro lugar, fictício como a ilha de Thomas Morus, onde o desejo estaria em casa. Tal lugar é ilusório, ele é por excelência o reino do imaginário […] (2002: 34, 35).

No trabalho de Rubens Paiva, observamos como a formulação freudiana se manifeste em certos aspectos. Nas palavras finais de seu romance *Feliz Ano Velho*, e que são levadas com adaptações para o filme homônimo, ele comenta:

Dia 14 faço um ano de acidente, e só agora vou começar o tratamento de fisioterapia na BBB. Foram dez meses de vértebra em frangalhos, usando aquele colete de ferro, e mais um mês de espera de vaga na BBB. Um ano em que tive uma certeza: minha vida mudou pacas. Sou um outro Marcelo, não mais Paiva, e sim Rodas. Não mais violonista, e sim deficiente físico. Ganhei algumas cicatrizes pelo corpo, fiquei mais magro e agora uso barba. Não fumo mais Minister, agora passei pro Luís XV. Meu futuro é uma quantidade infinita de incertezas. Não sei como vou estar fisicamente, não sei como irei ganhar a vida e não estou a fim de passar nenhuma lição. Não quero que as pessoas me encarem como um rapaz que apesar de tudo transmite muita força. Não sou modelo pra nada. Não sou herói, sou apenas vítima do destino, dentre milhões de destinos que nós não escolhemos. Aconteceu comigo. Injustamente, mas aconteceu. É foda, mas que jeito […]. Muito tempo depois, soube que estivera mais morto do que vivo naquela UTI. Minha mãe conta que, logo após chegar em Campinas, perguntou pro médico o que ela poderia fazer, e ele disse: Nada, apenas reze.  (PAIVA, 2015: 269, 270)

Percebemos o quanto essas dimensões podem dialogar, no contexto de realidade de um indivíduo que passa por este tipo de experiência. Acerca das condições em torno desses fenômenos sociais vividos, Durkheim (2011) comenta o seguinte:

Eis o que são os fenômenos sociais, desembaraçados de todos os elementos estranhos. Quanto às suas manifestações privadas, elas têm bem algo de social, uma vez que reproduzem, em parte, um modelo coletivo; mas cada uma delas depende também, e numa larga medida, da constituição orgânico-psíquica do indivíduo, das circunstâncias particulares em que está colocado. Não são fenômenos propriamente sociológicos. Pertencem, ao mesmo tempo, aos dois reinos; e poderíamos chamar-lhes sócio psíquicos. (p. 36)

Quando falamos de representações, referimo-nos a essas proposições de Durkheim, quando ele nos relata sobre os modos de pensar de um universo coletivo, no contexto do qual circulam os sujeitos – e, justamente, em torno das representações se constroem as relações e práticas sociais. Por outro lado, a abordagem sobre o fenômeno da deficiência, ou do corpo com deficiência, mais precisamente em nossas refelxões, se refere à compreensão de uma condição individual que é igualmente relevante ao atribuir significados distintivos no contexto dessas mesmas práticas sociais.

Referências

CHEMAMA & VANDERMERSCH. *Dicionário de Psicanálise.* São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2007.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo, SP: Editora Martin Claret Ltda, 2011.

FREUD, S. (2006). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 17. pp. 237-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).

FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Porto Alegre: L&PM, 2018

Freud, S. O estranho In: *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S., *O Mal-Estar na Civilização*, in op. Cit., vol. XXI, p. 93.

GOFFMAN, Erving. *Estigma:**notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

KORFF-SAUSSE, Simone. *Le miroir brisé.* Paris: Pluriel*,* 2010.

LACAN, J. *Escrito*s. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MAUSS, Marcel. ‘*As Técnicas do Corpo: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naïf, 2003: 399-422.* Texto original publicado em 1934.

RIVERA, Tania. ‘*Uma psicanálise para salvar o mundo, desencontros entre surrealismo e psicanálise’ in CORREIO DA APPOA - Utopia e a função social da arte. Porto Alegre, n.108, nov. 2002.*

RUBENS PAIVA, Marcelo. *Feliz Ano Velho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

VAN DEN DRIESSCHE. *L’enfant parallèle: narcissisme parental et handicap*. Paris: L’Harmattan, 2009.

***Material audiovisual (Imagem em movimento) em meio eletrônico:***

CASA DO SABER. A quem pertence esse corpo? | Maria Homem

<https://www.youtube.com/watch?v=t7tFXceqqhs> [Acesso em 06 de novembro de 2018]

1. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t7tFXceqqhs>

 [↑](#footnote-ref-1)
2. Este conceito pode ser escrito como « Outro » (com O maiúsculo) ou « grande outro ». [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. FREUD, S., *O Mal-Estar na Civilização*, in op. Cit., vol. XXI, p. 93 [↑](#footnote-ref-3)